

MARIADITA
JAGUARIÚNA

REGULARIZAÇÃO DE IMÓVEIS
URBANOS E RURAIS

- HABITE-SE (19) 99215-4852
- INSTITUIÇÃO DE CONDOMÍNIO (19) 99184-6967
- CAR - CCIR - INCRA

Dr. Caius Godoy (Dr. da Roça) agora aqui todas as semanas



Aos que ainda não me conhecem, meu nome é Caius Godoy, advogado e administrador de empresas com atuação exclusiva no agronegócio. De uma família de produtores rurais do interior de São Paulo, a querida Duartina, tento através do meu trabalho levar informações para dentro da porteira, sendo elas envolvendo o Direito, ou não. Hoje tenho escritório nas cidades de Campinas e Jaguariúna e com muito orgulho sou conhecido e chamado carinhosamente pelos meus amigos e clientes, como o Dr. da Roça. Espero que gostem da minha coluna semanalmente falando sobre o mundo agro e agradeço pela oportunidade do Grupo O Regional de comunicação.

E como sempre finalizo, tchaaaau obrigado!!

Diferença entre contrato de arrendamento e comodato: Entenda as distinções legais

O contrato de arrendamento e o comodato são dois instrumentos jurídicos que regem a utilização de bens, mas possuem características e finalidades distintas. Compreender essas diferenças é fundamental tanto para proprietários quanto para usuários de bens, visando evitar conflitos e garantir a segurança jurídica nas relações estabelecidas.

Conceito e Finalidade.

O contrato de arrendamento é um acordo pelo qual uma parte (arrendador) concede à outra (arrendatário) o direito de uso de um bem, geralmente imóvel, mediante o pagamento de um valor determinado. O arrendamento é tipicamente utilizado em situações comerciais, agrícolas ou de longo prazo, onde o arrendatário se compromete a pagar uma quantia fixa, estabelecida em contrato, em troca do uso do bem.

Por outro lado, o comodato é um contrato de empréstimo gratuito, onde uma parte (comodante) cede o uso de um bem a outra (comodatário), sem a exigência de pagamento. O comodato é frequentemente utilizado em situações informais, como o empréstimo de livros, móveis ou até imóveis, em que a intenção é a utilização temporária do bem, sem a intenção de lucro.

Natureza Jurídica.

A natureza jurídica dos dois contratos também difere. O arrendamento é considerado um contrato oneroso, pois envolve a troca de bens (uso do bem em troca de pagamento). Essa característica implica obrigações e direitos claros para ambas as partes, com regulamentação específica no Código Civil, especialmente nos artigos que tratam do arrendamento de imóveis urbanos e rurais.

Em contraste, o comodato é um contrato gratuito, regido pelos princípios da amizade e

da confiança. Sua regulamentação também está prevista no Código Civil, mas não contém tantas exigências formais como o arrendamento. O comodato, por ser um empréstimo gratuito, exige que o comodatário devolva o bem ao comodante após o uso, conforme acordado.

Prazo e Rescisão.

Os contratos de arrendamento costumam ter prazos mais longos, podendo variar de meses a anos, e possuem regras específicas para rescisão. A rescisão pode ocorrer por diversos motivos, incluindo inadimplência, descumprimento de cláusulas contratuais ou, em alguns casos, por vontade de uma das partes, respeitando-se os prazos e formalidades previstos.

Por sua vez, o comodato geralmente é estabelecido para um período determinado, que pode ser fixo ou indeterminado. A rescisão do comodato pode ocorrer a qualquer momento, bastando que uma das partes manifeste a intenção de encerrar o contrato, desde que respeitadas as condições de devolução do bem.

Em resumo, a principal diferença entre o contrato de arrendamento e o comodato reside na natureza onerosa do arrendamento e na gratuitidade do comodato. Enquanto o arrendamento é utilizado em contextos comerciais e regulamentado por leis específicas, o comodato se destina a situações informais e pessoais, sem a troca de dinheiro.

Conhecer essas diferenças é essencial para a correta utilização de cada um desses contratos, assegurando que os direitos e deveres de todas as partes envolvidas sejam respeitados, evitando conflitos e promovendo uma relação mais harmônica entre os contratantes.

Marcação de bovinos a fogo deixa de ser obrigatória em São Paulo



Modelo alternativo de identificação de animais vacinados, que usa um bottom auricular, torna-se nova opção para produtores do estado de São Paulo

O Governo de São Paulo tirou a obrigatoriedade da marcação a fogo de bovinos vacinados. O modelo alternativo de identificação é o primeiro do país aprovado pelo Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa). As mudanças estão previstas em resolução publicada nesta segunda-feira (21) e aplicam-se à vacinação contra brucelose de fêmeas bovinas e bubalinas de três a oito meses de idade.

A iniciativa é da Coordenadoria de Defesa Agropecuária (CDA), da Secretaria de Agricultura e Abastecimento. As medidas foram publicadas no Diário Oficial do Estado, por meio da Resolução SAA nº 78/24 e das Portarias 33/24 e 34/24. Por lá, fica estabelecido que animais vacinados contra a doença no estado de São Paulo poderão ser identificados por um bottom colocado na orelha.

"São Paulo sai na frente mais uma vez com essa nova marca para o agro do Estado. Bem-estar animal significa segurança jurídica, garantindo um documento que comprova boas práticas, valorizando a pecuária paulista e abrindo novos mercados internacionais, cada vez mais restritivos", destaca o secretário de Agricultura e Abastecimento, Guilherme Piai.

A identificação por bottom, e não pela marcação a fogo, busca garantir o bem-estar animal. Além disso, também traz um manejo mais eficiente e seguro aos profissionais responsáveis pela vacinação. As publicações do Governo de São Paulo também estabelecem mudanças nos prazos para vacinação e desburocratização da declaração.

"Trata-se de um pacote de medidas que priorizam todos os envolvidos na vacinação contra a brucelose, visando o controle e posteriormente a erradicação dessa zoonose", comenta Luiz Henrique Barrochelo, médico-veterinário e coordenador da Defesa Agropecuária.

Novos prazos para vacinação

A partir de agora, o calendário para vacinação de bovinos e bubalinas será em dois períodos: do dia 1º de janeiro a 30 de junho do ano corrente; do dia 1º de julho até o dia 31 de dezembro. A campanha faz parte do Programa Estadual de Controle e Erradicação da Brucelose e Tuberculose (PECEBT).

O produtor que não vacinar seu rebanho dentro do prazo estabelecido terá a movimentação dos bovídeos da propriedade suspensa até que a regularização seja feita

junto às unidades da Defesa Agropecuária.

Desburocratização da declaração

A declaração de vacinação pelo proprietário ou responsável pelos animais não é mais necessária. Para validar a imunização dos animais, o médico-veterinário responsável só precisará cadastrar o atestado de vacinação no GEDAVE, que é o sistema informatizado de gestão de defesa animal e vegetal. O cadastro precisa ser feito em até quatro dias a contar da data da vacinação.

Em caso de diferença entre o número de animais vacinados e o saldo do rebanho declarado no Gedave, o médico-veterinário e o produtor serão notificados por meio de mensagem eletrônica, enviada ao e-mail cadastrado junto ao sistema. Neste caso, o proprietário deverá regularizar a pendência para a efetivação da declaração.

Novo modelo de identificação de animais vacinados

O modelo alternativo de identificação de vacinação contra a Brucelose trata-se de uma alternativa não obrigatória à marcação a fogo.

As publicações do Governo de São Paulo estabelecem o bottom amarelo para a identificação dos animais vacinados com a vacina B19 e o bottom azul passa a identificar as fêmeas vacinadas com a vacina RB 51. Anteriormente, a identificação era feita com marcação a fogo indicando o algoritmo do ano corrente ou a marca em "V", a depender da vacina utilizada.

Os bottoms são produzidos dentro de especificações indicadas na portaria. Depois são fornecidos a estabelecimentos de insumos e produtos veterinários, que farão a venda e fornecimento dos identificadores juntamente com as vacinas aos médicos-veterinários ou aos produtores, mediante informação no receituário.

Para o caso de perda, dano ou qualquer alteração que prejudique a identificação, uma nova aplicação deverá ser solicitada ao médico-veterinário ou à Defesa Agropecuária.

Havendo a impossibilidade da aquisição do bottom, o animal deverá ser identificado conforme as normativas vigentes do Programa Nacional de Controle e Erradicação da Brucelose e Tuberculose (PNCEBT).

A Defesa Agropecuária informa ainda que o uso do bottom só é válido dentro do estado de São Paulo, não sendo permitido o trânsito de animais identificados de forma alternativa para demais estados da federação. Para ter acesso à íntegra das portarias, acesse defesa.agricultura.sp.gov.br/legislacoes/.

Saúde cardíaca dos cães em foco: especialista orienta sobre a importância dos cuidados com o coração do seu melhor amigo



A saúde do coração de cães é, assim como em humanos, assunto extremamente importante e que necessita da compreensão e atenção especial de seus tutores. A lista de cuidados inclui consultas regulares ao médico-veterinário para a realização de exames preventivos e tomadas de decisões que podem ser vitais para o bem-estar e a vida dos animais.

A médica-veterinária Patrícia Guimarães, promotora técnica da unidade de Animais de Companhia da Vetoquinol Saúde Animal, alerta para a importância dos cuidados preventivos. "O tutor deve incluir na rotina de cuidados com o seu pet, consultas periódicas com o médico-veterinário. Com isso, esse animal será avaliado por um profissional que, de forma precoce, poderá identificar comorbidades existentes, inclusive as cardíacas, oferecendo orientações ao tutor e cuidados adequados a este paciente. Assim sendo, trata-

mentos mais eficazes e intervenções menos invasivas podem colaborar com uma melhor qualidade e maior expectativa de vida a estes animais. É senso comum que a prevenção sempre será a melhor solução para a saúde dos animais de companhia".

Apontada como uma das principais causas de óbito em cães, a Insuficiência Cardíaca Congestiva (ICC) representa redução do volume de sangue bombeado pelo coração para todos os órgãos e tecidos do organismo. Nos cães, esse quadro pode incluir alguns sinais clínicos evidentes, como apatia, caquexia, tosse, falta de ar, intolerância a atividades físicas e brincadeiras e até mesmo desmaios inesperados.

"UpCard® é um diurético de alça à base de torasemida que se apresenta como alternativa moderna e eficaz para o tratamento de edemas associados à Insuficiência Cardíaca Congestiva (ICC) dos cães, colaborando com a saúde e a boa performance do coração.

Em comparação direta com a furosemida – um dos ativos convencionais indicados para o tratamento da ICC –, a torasemida, em uma única administração diária, oferece diurese equipotente, rápida e segura, com apenas 1/20 da dose da furosemida. Sua atividade anti-aldosterona colabora com a melhora dos quadros de hipertensão, remodelamento cardíaco e arritmias induzidas por hipocalcemia, além de não desenvolver refratariedade nos pacientes submetidos a tratamentos de longo prazo.

"Embora a ICC não tenha cura, é possível prolongar a vida do animal com os cuidados adequados. É fundamental contar sempre com o apoio de um médico-veterinário, que possui o conhecimento necessário para

avaliar o quadro e tomar as decisões mais apropriadas com o objetivo de minimizar os impactos da doença no curso da vida do animal", explica a especialista da Vetoquinol.

UpCard®, indicado para cães, possui duas apresentações disponíveis: 0,75mg e 3mg. Altamente palatáveis, seus comprimidos possuem a exclusiva tecnologia Vetabs desenvolvida pela Vetoquinol. Seus sulcos profundos facilitam o fracionamento em doses mais precisas e seguras, podendo ser administrados a qualquer horário do dia.

Sobre a Vetoquinol Saúde Animal
A Vetoquinol Saúde Animal está entre as 10 maiores indústrias de saúde animal do mundo, com presença na União Europeia, Américas e região Ásia-Pacífico. Em 2023, o faturamento global foi de € 529 milhões. Com expertise global conquistada ao longo de 90 anos de atuação, a empresa também cresce no Brasil, onde expande suas atividades desde 2011. Grupo independente, a Vetoquinol projeta, desenvolve e comercializa medicamentos veterinários e suplementos destinados à produção animal (bovinos e suínos), animais de companhia (cães e gatos) e equinos. Desde sua fundação, em 1933, na França, combina inovação com diversificação geográfica.

O crescimento do grupo é impulsionado pelo reforço do seu portfólio de soluções associado a aquisições em mercados de alto potencial de crescimento, como a brasileira Clarion Biociências, incorporada em 2019.

No Brasil, a Vetoquinol tem sede administrativa em São Paulo (SP) e planta fabril em Aparecida de Goiânia (GO), atendendo todo o território nacional. Em termos globais, gera mais de 2,5 mil empregos.

Pesquisa destaca como práticas agrícolas sustentáveis mantêm a porosidade do solo no Cerrado

Pesquisadores da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e da Embrapa conduziram um estudo para avaliar a porosidade do solo em diferentes sistemas de manejo agrícola no Bioma Cerrado. O levantamento mostrou que práticas agrícolas sustentáveis podem preservar características do solo, como a porosidade e a agregação, em níveis comparáveis ao de áreas de mata nativa. Segundo o estudo, o manejo adequado do solo favorece a deposição de matéria orgânica, essencial para a saúde do ecossistema e o desenvolvimento de culturas e pastagens.

Erika Pinheiro, pesquisadora da UFRRJ, detalha que a densidade do solo é um fator crucial que influencia diretamente a porosidade, a capacidade de infiltração de água, o crescimento radicular e a emergência das plantas. Segundo ela, esses aspectos são determinantes para a produtividade agrícola, especialmente em solos do Cerrado, que têm características únicas e requerem cuidados específicos. "O estudo avaliou a porosidade do solo sob diferentes sistemas de manejo agrícola em comparação com uma área de mata nativa no bioma Cerrado, no município de João Pinheiro, MG", explicou Pinheiro.

Para a realização do estudo, os pesquisadores coletaram amostras de solo em diferentes áreas de cultivo e manejo no Cerrado. As amostras foram utilizadas para determinar a densidade do solo e a qualidade da porosidade em três tipos de manejo: plantio convencional de milho, pastagem produtiva com capim mombaça, e uma área de Cerrado denso preservado, utilizado como referência de comparação e como estratégia para o protocolo de MRV (monitoramento, relato e verificação) para o Projeto PRS Cerrados, esclarece Celso Manzatto, pesquisador da Embrapa Meio Ambiente.

A análise revelou que, no sistema de plantio convencional de milho, a densidade e porosidade do solo eram semelhantes às observadas nas áreas de mata nativa e nas pastagens. De acordo com o pesquisador Celso Manzatto, da Embrapa Meio Ambiente, essa similaridade

se deve ao histórico de uso da área com cultivo de Braquiária, o que ajudou a enriquecer o solo com matéria orgânica via sistema radicular.

Já Leticia Pimenta, também pesquisadora da UFRRJ, informa que a área destinada ao plantio de milho teve um período de cultivo de abóbora sob plantio direto no ano anterior, o que contribuiu para reduzir a compactação do solo, pois o sistema não envolveu o uso de maquinário pesado para revolvimento. Esse intervalo entre as culturas e a ausência de operações mecanizadas ajudaram a manter a estrutura do solo mais favorável à infiltração de água e ao crescimento das raízes.

Nas áreas de pastagem produtiva, a conservação da porosidade do solo foi explicada por uma série de práticas de manejo voltadas para o controle do impacto da atividade pecuária. Segundo David Campos, pesquisador da Embrapa Solos, o uso controlado da taxa de lotação animal e a rotação entre os piquetes permitem que o capim mombaça tenha períodos de recuperação, o que contribui para a preservação da estrutura do solo e, conseqüentemente, sua porosidade.

Essa prática, segundo os especialistas, diminui o risco de compactação causado pelo pisoteio excessivo do gado, além de promover o desenvolvimento de um sistema radicular mais robusto, capaz de contribuir para a manutenção e aumento da matéria orgânica no solo.

Importância do manejo adequado para o Bioma Cerrado

A preservação da estrutura do solo no Cerrado é fundamental para a sustentabilidade do bioma e para a manutenção da produtividade agrícola a longo prazo. O Cerrado, uma das regiões mais ricas em biodiversidade do planeta, é também um dos ecossistemas mais suscetíveis a impactos ambientais. O manejo inadequado do solo pode levar à sua compactação, redução da capacidade de infiltração de água e diminuição do suporte às raízes das plantas.

A pesquisa conduzida pela equipe da UFRRJ e da Embrapa reforça a importância das práticas de manejo



que mantêm o solo em condições semelhantes às das áreas nativas, mesmo em cenários de produção agrícola e pecuária. Essa abordagem, que inclui o uso de pastagens bem manejadas e práticas de plantio direto, revela-se fundamental para a conservação do solo e da vegetação nativa, ajudando a garantir a resiliência dos solos do Cerrado e a segurança alimentar das próximas gerações. A pastagem produtiva com o capim Massai também foi avaliada no estudo sobre a porosidade.

Os resultados deste estudo oferecem subsídios para que produtores e técnicos do setor agrícola adotem práticas sustentáveis no manejo do solo. A pesquisa confirma que é possível conciliar a produção com a conservação ambiental, especialmente em regiões ecologicamente sensíveis, como o Cerrado.

Esse trabalho foi apresentado na XXI Reunião Brasileira de Manejo e Conservação do Solo e da Água e VIII Simpósio Mineiro de Ciência do Solo, 2024 e os autores são Leticia Pimenta, Vanessa Pereira, Amanda Santos, Maria Eduarda Xistuli, Erika Pinheiro, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, David de Campos, da Embrapa Solos e Celso Manzatto, da Embrapa Meio Ambiente.

Veterinário do CEUB dá dicas para cuidar da saúde de cães e gatos no período chuvoso



Especialista alerta que a umidade nas patas pode causar problemas dermatológicos e aumentar o risco de leptospirose durante os passeios

Assim como os humanos, os animais de estimação

sofrem com as mudanças climáticas. No período chuvoso, a umidade é um dos desafios para os pets, já que a água pode se acumular entre os dedos das patas criando um ambiente propício para a proliferação de bactérias e fungos. Lucas Edel, professor de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Brasília (CEUB), cita alguns dos problemas que afetam cães e gatos nessa época e orienta os tutores sobre os cuidados para garantir a proteção dos amigos de quatro patas.

"A umidade nos interdígitos, tecido que une os dedos, pode causar lesões dermatológicas, uma condição comum que se manifesta por meio de danos na pele do animal", explica o professor. Mesmo protegendo as patas do contato direto com o chão, os calçados para pets não são recomendados, pois podem acumular umidade por dentro das patas, já que os animais também transpiram pelas patas. Edel frisa que, dependendo do material do sapato, como couro sintético ou tecido, a umidade pode

ser potencializada.

"O uso de sapatos deve ser restrito a situações específicas, como para proteger uma lesão na pele. Fora essas circunstâncias, o contato direto das patas com o solo é sempre preferível", esclarece. Após passeios em áreas molhadas, o professor recomenda secar bem os interdígitos e a parte inferior das patas: "Pode ser usada uma toalha seca e limpa. No caso de animais com muito pelo, o secador não deixa restar umidade, evitando a proliferação de microrganismos".

Outro risco, embora menos provável, é a leptospirose, conforme advverte o médico veterinário. Segundo Lucas Edel, áreas com acúmulo de água aumentam o risco para animais e humanos, especialmente se houver urina de rato, que pode transmitir a bactéria leptospira. "Por isso, não é recomendável que os pets fiquem em contato prolongado com águas de enchente ou poças formadas pela chuva", finaliza o especialista.

Tempo quente e úmido potencializa infestações de moscas-dos-chifres, que causam prejuízos bilionários à pecuária

Parasita reduz produtividade e causa perdas superiores a R\$ 15 bilhões por ano

A produção de carne e leite no Brasil sofre com inúmeros desafios sanitários, principalmente os relacionados ao controle de parasitas, como as moscas-dos-chifres, responsável por perdas econômicas pela redução da produtividade, com queda em ganho de peso e em produção de leite. "O Brasil possui clima que favorece a existência desse inseto em todas as regiões", comenta o médico-veterinário Felipe Pivoto, gerente de serviços técnicos de animais de produção da Vetoquinol Saúde Animal.

O clima tropical (quente e úmido) proporciona o ambiente ideal à mosca-dos-chifres (*Haematobia irritans*). Nessas condições, ela se replica com intensidade. "Os dias com chuvas não tão pesadas mas frequentes são os melhores para o ciclo de vida não parasitário da mosca. Isso ocorre porque a fêmea ovoposita nos bolos fecais dos bovinos e a chuva torrencial pode destruir a massa que abriga os ovos e as larvas, causando interrupção do ciclo evolutivo do inseto hematófago", explica o médico-veterinário.

A mosca-dos-chifres possui o seguinte ciclo evolutivo: ovo, larva e pupa. A ovoposição ocorre de forma profunda nas fezes frescas de bovinos – que reúnem condições favoráveis para o desenvolvimento e proteção contra os raios solares e outras condições ambientais desfavoráveis.

Uma fêmea de *Haematobia irritans* pode colocar 20 ovos por vez e realiza cerca de 15 posturas. Em casos severos de infestação, estudos

apontam que bovinos podem ser parasitados por até dez mil moscas.

"Um bovino infectado pode deixar de ganhar cerca de 40 quilos de peso por ano devido à infestação de cerca de 500 moscas e as vacas desmamam bezerros com menor peso. Já os bovinos leiteiros podem produzir 20% menos. A Embrapa estima os prejuízos anuais à pecuária brasileira em mais de R\$ 15 bilhões", ressalta Felipe Pivoto.

Esse desafio mobilizou a Vetoquinol – oitava maior indústria de produtos para saúde animal do mundo – a desenvolver uma solução que combate com eficácia a mosca: o brinco mosquicida Fiprotag® 210. Com eficácia comprovada ao zerar infestações após 30 minutos da aplicação, o brinco é formulado com fipronil e diazinon e tem carência zero para leite e carne.

"Unimos bem-estar animal, controle de enfermidades, otimização de produtividade de alimentos e maior rentabilidade para os pecuaristas. A Vetoquinol trabalha para atender às demandas apresentadas por animais de produção e colaborar com o desenvolvimento da pecuária nacional", completa o gerente.

Sobre a Vetoquinol Saúde Animal

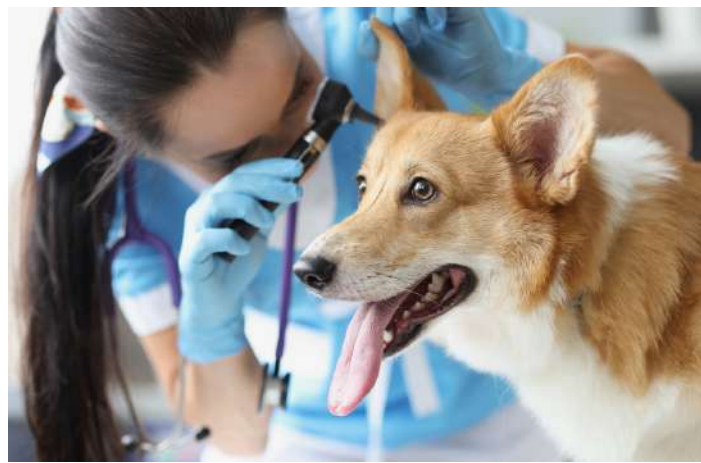
A Vetoquinol Saúde Animal está entre as 10 maiores indústrias de saúde animal do mundo, com presença na União Europeia, Américas e região Asia-Pacífico. Em 2023, o faturamento global foi de € 529 milhões. Com expertise global conquistada ao longo de 90 anos de atuação, a empresa também cresce no Brasil, onde expande



suas atividades desde 2011. Grupo independente, a Vetoquinol projeta, desenvolve e comercializa medicamentos veterinários e suplementos destinados à produção animal (bovinos e suínos), animais de companhia (cães e gatos) e equinos. Desde sua fundação, em 1933, na França, combina inovação com diversificação geográfica. O crescimento do grupo é impulsionado pelo reforço do seu portfólio de soluções associado a aquisições em mercados de alto potencial de crescimento, como a brasileira Clarion Biociências, incorporada em 2019.

No Brasil, a Vetoquinol tem sede administrativa em São Paulo (SP) e planta fabril em Aparecida de Goiânia (GO), atendendo todo o território nacional. Em termos globais, gera mais de 2,5 mil empregos.

Saiba o que é a otite e como proteger seu pet dessa condição



Problema causa inflamações nos canais auditivos dos animais e é mais incidente durante o verão

Apesar de pouco conhecida, a otite é uma das doenças mais comuns de se encontrar em animais de estimação – especialmente em períodos de calor intenso, como costuma acontecer no verão. A condição é caracterizada por uma inflamação no canal auditivo, quase sempre causada por uma

infecção bacteriana ou proveniente de outros microrganismos nocivos, como fungos, ácaros, etc.

Animais com orelhas longas e peludas são mais predispostos a desenvolver o problema, pois a anatomia de sua orelha a torna mais vulnerável a ações de umidade e proliferação de bactérias. Contudo, qualquer raça de cão ou gato está sujeita a esse risco, inclusive aquelas com orelhas mais curtas – que, além de acumular sujeira com mais facilidade, também podem sofrer com a entrada de água no canal auditivo.

Para o animal, o principal sintoma da otite se resume ao incômodo constante causado pelas dores. Os tutores podem perceber alguns sinais visuais, como vermelhidão na parte interna da orelha e, em alguns casos, presença de secreção (pus) no canal auditivo. O pet também vai sacudir a cabeça com uma certa frequência, sendo um claro indicio de que ele está se sentindo incomodado.

Tipos e tratamento

Existem três variações de otite que se diferenciam pela região afetada pela inflamação. Na otite

externa, a parte mais superficial da estrutura é afetada, sendo aquela que pode ser percebida a olho nu. Na otite média, a condição afeta o tímpano e os três pequenos ossos dos seus arredores. Já a otite interna afeta a cóclea e o sistema vestibular, que são os responsáveis pela audição.

O tratamento envolve a aplicação de medicamentos que variam de acordo com a causa da otite; o Easotic, por exemplo, é utilizado para combater os casos originados de infecções bacterianas ou fúngicas. O tutor fica responsável por aplicar o remédio diariamente – mas, antes, sempre será necessário limpar a região do ouvido, a fim de remover todo o excesso de secreção.

Para prevenir o problema, é importante ficar atento às orelhas do animal em situações específicas, que em sua maioria envolvem contato com água. Após o banho, é indispensável secar bem as orelhas para evitar que fiquem úmidas; o mesmo vale para atividades recreativas que possam molhar o pet, algo que pode ser bem frequente durante o verão, quando o calor é mais intenso.

Suinocultor deve ajustar o manejo para evitar perdas no desmame de leitões, explica especialista

A otimização da produtividade da suinocultura depende de uma série de fatores. Destaques para a otimização do manejo geral da propriedade, ajustes nas instalações para proporcionar bem-estar aos animais e fazer o correto planejamento da dieta. O médico-veterinário e gerente técnico da Trouw Nutrition, Aneilson Soares, ressalta que, embora esses três fatores sejam fundamentais, genética e ambiência também são extremamente importantes para o sucesso da atividade.

"O correto manejo dos animais auxilia a enfrentar a baixa imunidade – período crítico entre a terceira e a oitava semana de vida dos leitões, quando ficam imunocomprometidos e mais vulneráveis a doenças. A imunidade passiva transmitida pela porca é temporária e se esgota antes que a imunidade ativa dos leitões se desenvolva completamente. Geralmente, esse momento crítico coincide com o desmame. O período de vulnerabilidade ocorre justamente quando os leitões ficam mais expostos a ambientes com significativa presença de patógenos. Por isso, é fundamental o equilíbrio entre proteção e exposição", explica o especialista.

Quanto aos cuidados com o galpão, é preciso oferecer um ambiente limpo e adotar medidas

rigorosas de biossegurança, como correta higienização das botas dos funcionários ao entrar nas instalações. "Iniciativas como essa ajudam a impedir a propagação de doenças e ajustar o manejo das leitegadas. A mistura de leitegadas distintas pode aumentar a exposição a patógenos nocivos que ameaçam a saúde de animais imunologicamente mais frágeis", explica o gerente técnico.

Outra medida importante é adiar o desmame, pois assim há mais tempo para o desenvolvimento da imunidade ativa dos leitões. A oferta de colostro em boa quantidade também contribui para fortalecer a imunidade dos animais. O trabalho em conjunto com especialistas contribui para implementação de protocolos de triagem, isolamento correto de animais doentes e aplicação de tratamentos direcionados, baseados em diagnósticos precisos. Além disso, ter um programa de vacinação eficaz aliado ao oferecimento de colostro de qualidade são essenciais para proporcionar imunidade.

O especialista da Trouw Nutrition lista outras recomendações. "O controle de infecções está diretamente ligado à ração. É necessário garantir que o alimento fornecido esteja livre de micotoxinas e contaminações microbiológicas. Além



disso, os suplementos alimentares aceleram o desenvolvimento do sistema digestivo dos leitões, tornando-os mais resistentes no momento do desmame. Outra medida positiva é introduzir um manejo que aumente a ingestão de matéria seca de qualidade no pré-desmame, já que ajuda a preparar o sistema digestivo e facilita a transição alimentar. Por fim, deve-se garantir que todos os animais jovens tenham fácil acesso à ração e à água, com bebedouros e comedouros suficientes para evitar disputas. O ideal é que todos recebam nutrição adequada em qualidade e quantidade", completa Aneilson Soares.